

## INTRODUÇÃO

ELCIO CORNELSEN  
VOLKER JAECKEL

Os estudos sobre a relação entre guerra e literatura têm despertado cada vez mais interesse no âmbito acadêmico. Neste sentido, desde 2008 docentes e pesquisadores da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) decidiram fundar o Núcleo de Estudos de Guerra e Literatura (NEGUE). Desde então, o referido núcleo tem procurado desenvolver atividades em pesquisa, ensino e extensão. Tais atividades, por exemplo, materializaram-se em publicações, eventos, mostras de cinema e disciplinas de graduação e pós-graduação, bem como através de trabalhos acadêmicos nos diversos níveis de formação.

Entre as publicações destacam-se os livros *Literatura e Guerra* (org. Tom Burns, Elcio Cornelsen, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2010), *Revisiting 20th century wars* (eds. Tom Burns, Elcio Cornelsen, Volker Jaeckel, Luiz Gustavo Vieira, Stuttgart, Ibd., 2012), *War and literature* (eds. Tom Burns, Elcio Cornelsen, Volker Jaeckel, Luiz Gustavo Vieira, Stuttgart, Ibd., 2014). Além disso, foram editados dois números temáticos da *Aletria* – Revista de Estudos de Literatura (ISSN 1679-3749), que contemplaram os temas “Memórias da Guerra Civil Espanhola na literatura e no cinema” (vol. 19, n.2, jan.-jun. 2009), disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/issue/view/102> e “Memórias de Guerra” (vol. 23, n.2, mai.-ago. 2013), disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/issue/view/234>.

Este primeiro dossiê temático dos *Anuari de Filologia. Literatures Contemporànies* com o título “Testemunho, trauma e guerra na literatura do século XX” foi elaborado como parte dessas atividades e reúne textos de autores de diversas áreas.

Por sua vez, as publicações foram impulsionadas, sobretudo, por efemérides, como os setenta anos do fim da Guerra Civil Espanhola em 2009, os cem anos da eclosão da Primeira Guerra Mundial em 2014 e, respectivamente, os setenta anos do fim da Segunda Guerra Mundial em 2015.

Na literatura, o tema da guerra se faz presente desde a Antiguidade, encontrando em obras como *A Ilíada*, *A Odisséia* e *De belo Gálico* sua representação máxima, tornando-se assim uma espécie de fundadores do gênero. Na Idade Média, por sua vez, os chamados romances de cavalaria dominaram o cenário, dentro de um contexto marcado pelas relações do poder fundamentado no sistema feudal, bem como pelas Cruzadas. No início da época moderna, encontramos em diversas literaturas as transformações originadas pela expansão ultramarina e pelos conflitos dela advindos. Em primeiro lugar, devem ser lembradas obras de viajantes e mercenários que

saíram, principalmente, da Península Ibérica para o Novo Mundo. Ao longo dos séculos, proliferaram conflitos armados, que, como não poderia deixar de ser, tiveram a sua repercussão na literatura, seja conflitos de ordem religiosa (Guerra dos Trinta Anos), seja conflitos gerados pelo expansionismo territorial (Guerra Napoleônicas), ou mesmo Guerras Civis (Guerra de Secessão Norte-Americana).

Em geral, pode-se afirmar que as representações literárias de todas essas guerras pautavam-se por um paradigma que destacava o caráter heróico entre os contendores. Dos primórdios até o final do século XIX esse quadro permaneceu quase que inalterado, com poucas exceções.

No início do século XX, com mudanças na condução estratégica de guerra e com o advento de novas armas com alto poder de destruição, tal caráter heróico passa a ser questionado. Uma mudança completa de paradigma se torna concreta com a chamada “guerra de material”. Por assim dizer, o inimigo não figura mais em um espaço, no qual homens lutavam corpo a corpo, uns contra os outros. Agora, tais modos de condução da guerra tornaram-se obsoletos frente às ações de submarinos, tanques, aviões, artilharia de longo alcance, minas e emprego de armas químicas, como ocorrido na Primeira Guerra Mundial, evento bélico exemplar de uma guerra moderna. Diante disso, o herói individualizado e elevado a semideus – Ulysses, Aquiles, Eneas etc. – cede lugar ao “soldado desconhecido”, vítima paradigmática de um morticínio em massa no front. A partir de então, tal quadro alterou, sensivelmente, não só a história das guerras como também a própria escritura da guerra. Pela primeira vez faz-se ouvir os primeiros clamores literários antiguerra, escritos por combatentes que prestam testemunho dos horrores das batalhas, dos sofrimentos e do medo dos soldados no front. Sem dúvida, obra basilar é o romance de Erich Maria Remarque *Nada de novo no front* (*Im Westen nichts Neues*; 1929).

Nesse sentido, o presente dossiê procura oferecer ao leitor uma ampla gama de textos sobre conflitos bélicos do século XX, nos quais os autores refletem sobre a resposta da literatura a tais conflitos. Especificamente, a maioria dos autores analisados é de língua alemã e enfoca as duas guerras mundiais. De um lado, as guerras proliferaram e, de outro, a literatura se faz cada vez mais presente nos debates, já que ela tem o poder de preservar a memória dos que participaram nas guerras ou sofreram suas consequências. Dessa forma, a literatura cumpre um papel significativo ao lidar com o passado, especialmente sensível no caso da Alemanha. Por esse motivo, decidimos integrar também no dossiê textos que versam sobre testemunhos da perseguição e do confinamento de judeus durante o Terceiro Reich, que custou a vida de vários milhões de pessoas durante a Segunda Guerra Mundial.

Os textos foram ordenados de acordo com a sequência da cronologia dos autores e dos respectivos conflitos analisados. Dessa forma, conseguimos apresentar os textos dentro de uma lógica consistente para o leitor, já que

obedecemos também a uma divisão de idiomas, sendo que os três primeiros textos estão em língua alemã, seguidos por cinco textos em português e por um texto em espanhol.

Começamos nossa trajetória cronológica com dois textos que abordam a literatura escrita durante a “Grande Guerra Européia” de 1914-1918. Sem dúvida, essa guerra marcou significativamente os autores do Expressionismo alemão, que, num primeiro momento, saudaram a guerra, mas algum tempo depois tal euforia transformou-se em desilusão frente aos horrores da guerra. No artigo “Der Erste Weltkrieg in der expressionistischen Lyrik”, de Elcio Cornelsen, os poemas de Wilhelm Klemm, Hans Leybhold e Alfred Lichtenstein são interpretados na qualidade de testemunhos das vivências dos seus autores nos campos de batalha.

O artigo seguinte, intitulado “Der Erste Weltkrieg zur See in der deutschen Literatur”, sobre a guerra no mar, de autoria de Volker Jaeckel, destaca por meio de análise de um drama expressionista, de um diário e de um romance dos autores Reinhard Göring, Erich Ringelnatz e, respectivamente, Theodor Plievier, o ócio da vida cotidiana nos portos navais da Alemanha, as humilhações que sofreram os marinheiros por seus oficiais, assim como as poucas ocasiões de participar em grandes batalhas navais que terminaram com muitas perdas em ambos os lados, como a de Jutlândia, cujo centenário comemoramos este ano.

No último artigo em língua alemã, intitulado “Ein Massengrab lässt sich nicht beschreiben” Zur Repräsentation des Luftkrieges in Gert Ledigs ‚Vergeltung‘ im Kontext von W.G. Sebalds ‚Luftkrieg und Literatur‘”, o autor Attila Huszar analisa um dos poucos romances da literatura alemã que trata de um ataque aéreo de uma cidade alemã pela aviação aliada durante a Segunda Guerra Mundial: *Vergeltung*, de Gerd Ledig. Não obstante as críticas formuladas por W. G. Sebald com respeito a esse romance e à ausência do tema na literatura pós-guerra, além de questionar a capacidade de descrição das atrocidades da guerra pela linguagem de Ledig, deve-se reconhecer o caráter testemunhal dessa obra, uma vez que o próprio Ledig presenciou pessoalmente o bombardeio da cidade Munique, retratado no referido romance.

Em seguida, figuram dois trabalhos com enfoque em testemunhos de dois famosos autores de origem judaica que sofreram na própria pele a perseguição pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial: Anne Frank e Primo Levi.

No artigo “Fronteiras de identidades: a escrita do eu em ‘O Diário de Anne Frank’”, Denise Borille de Abreu aborda o diário de Anne Frank e os limites da escrita entre o eu público e o eu privado. Para isso, a autora analisa três versões acessíveis desse testemunho de uma jovem que vivenciou o medo e a angústia num esconderijo, na Holanda ocupada pelas tropas nazistas. Por assim dizer, o diário exerce uma função transformadora no modo de lidar com essa situação de tensão frente à iminência do perigo de serem descobertos,

presos e deportados, ao qual Anne Frank e os demais ocupantes do esconderijo estavam submetidos.

Fabrizio Paiva Araújo ocupa-se no artigo “Revirando os escombros: o esvaziamento da experiências transmissível, o desencontro com o real e a ascensão do horror” da relação entre testemunho e memória, tomando como exemplo o livro *É Isto um Homem?*, de Primo Levi, judeu italiano e sobrevivente dos campos de concentração. O autor estuda o horror inenarrável, experimentado por Levi em Auschwitz, com a finalidade de compreender tal experiência e a sua representação literária.

No artigo “Grass e Grimmelshausen: intertextualidade entre guerras”, para Elisandra Pedro ficou evidente a influência do *Simplicissimus* de Hans Jacob Christoffel von Grimmelshausen, exercida sobre obra de Günter Grass, especialmente no seu primeiro romance *Die Blechtrommel* (1959) e no livro autobiográfico *Beim Häuten der Zwiebel* (2006). A autora se propõe a analisar a construção da memória de Grass sobre a Segunda Guerra Mundial, incluindo a sua participação na Waffen SS, utilizando a obra de Grimmelshausen sobre a Guerra dos Trinta Anos como intertexto, e aponta as consequências dessa estratégia narrativa.

Por sua vez, no artigo “História natural na obra de W.G. Sebald”, Paula Carolina Betereli investiga as teses de W.G. Sebald na sua *História Natural da Destruição*, obra que versa sobre a destruição das cidades alemãs por bombas durante a Segunda Guerra Mundial. Para isso, a autora estabelece um diálogo entre esse autor e Walter Benjamin, já que Sebald problematiza a relação entre a narratividade advinda da tradição oral e a historiografia moderna, uma vez que nem os relatos testemunhais, nem as informações jornalísticas seriam capazes de dar conta de uma realidade bruta que se furta à descrição.

Marcos Fábio Campos da Rocha, na última contribuição em língua portuguesa – “A memória dos soldados na literatura de confronto” –, compara o tratamento do Terceiro Reich e da Segunda Guerra Mundial em duas obras da literatura alemã contemporânea depois da Queda do Muro: *Zwischenbilanz: eine Jugend in Berlin* (1994), de Günter de Bruyn, *Der Ernstfall: Innenansichten des Krieges* (1995), de Dieter Wellershoff. Trata-se de dois autores que serviram como soldados as Forças Armadas no conflito. Alguns aspectos são comuns a ambos: uma aversão profunda ao ambiente viciado da caserna, à violência dos treinamentos e ao fato de terem sido gravemente feridos em batalha.

Adriana Massa fecha o volume com seu texto em língua espanhola “La Guerra de Irak y su configuración literaria en *Bambiland*”, da escritora austríaca e detentora do Prêmio Nobel Elfriede Jelinek. A autora observa que o monólogo da peça de teatro se caracteriza por um humor mordaz e uma ironia corrosiva, que, no intuito de criticar a invasão do Iraque pelos Estados Unidos, utiliza tanto citações da literatura clássica como também a linguagem televisiva que apresenta os informes de guerra. A obra de Jelinek não expressa somente uma

crítica à guerra, mas também às formas desfiguradas e desumanizadas da sua aparência nos modernos meios de comunicação, que tentam manipulá-la.

A maioria dos textos publicados neste dossiê vincula-se ao Grupo de Trabalho *Der Krieg in der deutschsprachigen Literatur*, do XV. Congresso da Associação Latino-Americana de Estudos Germanísticos, realizado em Curitiba (Brasil), de 8 a 12 de setembro de 2014, e organizado pelos editores do presente dossiê.

Belo Horizonte, junho de 2016.